



Religiosidade e conversões: mudanças no reino de Buganda (1868-1956)

Lúcia Helena Oliveira Silva*

p. 69-77

Durante a primeira metade século XIX e início do sec. XX o reino de Buganda no leste da África sofreu mudanças rápidas que ameaçavam a sua autonomia e poder, incluindo guerras civis, repetidas conversões ao cristianismo e a transição do domínio dos diversos reinados para o domínio colonial britânico. Buganda Toro, Bunyoro entre outros eram reinos da região da atual Uganda. Esta área passou a ser conhecida pela a partir dos escritos do explorador Richard Francis Burton que havia organizado uma expedição para encontrar a fonte do rio Nilo junto com John Hanning Speke, sendo patrocinados pela Royal Geographical Society. Na primeira tentativa em 1855 não obtiveram sucesso sendo atacados pelos povos locais da região da então “Somaliland”. Porém eles não desistiram e em 1857 seguindo por um caminho alternativo, os exploradores chegaram ao lago Tanganica. Apesar dos esforços, não havia evidências de ligação do lago com o rio Nilo. Porém foram informados da existência de outro lago ao norte de onde estavam. Uma nova incursão se deu sob liderança de Speke uma vez que Burton estava doente e houve o encontro de outro lago. Tinha o de nome Nyanza e foi batizado primeiro de Vitória Nyanza e depois Rainha Vitória em homenagem a autoridade da coroa britânica. Ali se acreditava que haviam encontrado a nascente do rio Nilo a despeito e não haver nenhuma prova desta descoberta. Aos jornais britânicos pouco interessava a falta de evidências e a notícia da descoberta da nascente do Rio Nilo foi fartamente noticiada pelo mundo sendo creditada aos exploradores Speke e Burton. Ali nascia Uganda para o mundo ocidental.

Na outra década seguinte ampliou-se a presença de exploradores na região centro-africana e a divulgação dos povos e acidentes geográficos da região motivaram pessoas na Europa a conhecê-la mais a fundo. A Church Missionary Society um grupo formado por membros voluntários da Igreja Anglicana se interessou em evangelizar os povos da região. Logo após esta instituição, outros grupos também se interessaram pelo lugar que fazia parte de uma rota muito lucrativa que ligava o litoral árabe as regiões centro africanas e regiões do norte do continente). O interesse pelo comércio e a presença dos missionários trouxeram grandes modificações aos reinos ali presentes. Boa parte das mudanças foi imposta pela política do colonialismo iniciado a partir da Conferência de Berlim e implementada em todo o continente africano. No caso de Buganda a chegada de estrangeiros como os europeus não era novidade. Desde 1844

* Universidade Estadual Paulista.

vivia-se sob o domínio muçulmano com a adoção da fé islâmica pelos reis dos reinos ali presentes e consequente adoção obrigatória da fé por parte da população. Mudança de fé envolvia costumes, política e mudanças como facilidades ou endurecimento nas relações de comércio como proteção e privilégios de comércio, pedágios maiores ou menores cobrado de caravanas, aceitação ou não da escravização, cobranças de taxas para a população entre outros aspectos.

Alguns aspectos deste processo foram percebidos relatados por um homem nascido nesta região; seu nome Ham Mukasa. Mukasa foi um jovem nasceu sob o período de domínio islâmico e, em sua adolescência converteu-se em cristão anglicano. Educado pelos costumes ancestrais de seu grupo e pelos costumes muçulmanos, se tornou cristão. Esta fusão de modos de vida acontecia ao mesmo tempo em que ocorriam as mudanças em todo o continente. Porém a possibilidade de seu testemunho nos permite entender os meandros sociais que implicava nas mudanças maiores sobre a vida da população. A vida de Ham Mukasa foi colhida como testemunho de conversão dos povos locais a fé cristã e foi considerado tão emblemática que sua biografia foi incorporada ao livro produzido da Church Missionary Society. Este livro foi escrito pelo religioso Alexander Mackay (1849-90), membro da Church Missionary Society (CMS) e também educador de Mukasa. que contava a história da missão religiosa da Igreja Anglicana na região do Congo e Uganda.

Este tipo documental se tornou muito comum a partir do final do século XIX e objetivava difundir o trabalho missionário e angariar fundos para o trabalho missionário na África. Após a metade do sec. XX no período de independência das nações africanas, as fontes missionárias passaram a ser vistas como testemunhos da dominação colonial e, portanto comprometidas. Foi apenas na década de 1980 que a partir e um olhar crítico da antropologia que se voltou a recuperar tais como fontes com os estudos como os de John e Jean Comaroff *Body of Power, Spirit of Resistance (1985)* e *Of Revelation and Revolution (1992)*. Estes estudos reconheceram os potentes testemunhos do “encontro colonial” e da presença dos processos culturais, não como um sistema fechado de signos mas como conjunto de experiências ou práticas dinâmicas. Assim, a história de vida de Ham Mukasa que foi escrita para mostrar sua conversão ao cristianismo traz por outros olhares, sua agência perante as mudanças que o abarcam com suas críticas, ainda que não tenha sido escrita diretamente por ele e sim por um missionário. Segundo Mukasa ele e alguns meninos quando crianças costumavam roubar cabras que pertenciam a pessoas ricas como o rei e o chefe local. Depois de roubarem, eles matavam, assavam e comiam os animais deixando apenas os cascos e cabeça em lugares que ninguém poderia encontrá-los. Ainda segundo ele roubavam os animais destas pessoas porque eram poderosas, tinham muitos animais e seria difícil saber se haveria ou não a falta deles. Então sobreveio uma praga e muita gente morreu. Surgiu então a história de que aquela praga acontecera devido aos ladrões de cabras e começaram a falar dos meninos ladrões. Mukasa fugiu e ficou escondido na casa de seu pai por muito tempo dando a entender que tinha a desconfiança de que usava a manifestação da praga, um fato comum, para descobrir e punir os culpados pelo roubo das cabras. Ou seja, se roubavam das pessoas mais ricas, certamente eram estas pessoas que estavam interessadas na descoberta dos responsáveis bem como pela punição. Seu olhar arguto chama ali a atenção para a uma sociedade hierarquizada onde os pequenos roubavam não quaisquer pessoas, mas as mais importantes

e, portanto as que tinham mais. Fica claro também que eles tinham noção do que estavam fazendo uma vez que praticavam o roubo à noite e escondiam as evidências como os restos dos animais. Não nos cabe dizer se o que fazia Mukasa e seus amigos era certo ou errado, e isto ele mesmo o faz, mas ler para além do que ele diretamente fala. Sua narrativa fala de sua infância vivida em uma sociedade que tinha com diferenças socioeconômicas e uma forma de burlar estas diferenças. É preciso lembrar que entre os reinos da região, a terra pertencia ao rei e o uso por parte dos súditos era uma concessão, cabendo ao rei a parte maior. Ali ainda que de um modo inocente havia um processo de resistência que traduzia de diversas formas naquela e em outras sociedades. Para James Scott (1992) resistência e rebelião sempre foram condições de todas as épocas e lugares. A erupção de uma rebelião ou um ato infracionário sempre aponta a existência de conflitos, desigualdades e injustiças. Ele afirma que para além das formas tradicionais de contestação existem as formas cotidianas de resistência que pode se manifestar em práticas cotidianas e fragmentadas. Assim fazer corpo mole, dissimular e furto são formas elencadas de resistência por parte dos grupos de menor poder. O roubo de Mukasa se caracteriza como uma prática cotidiana e informal. Não tinha uma pretensão de política organizada e é caracterizada como uma resistência incidental que visa a satisfação individual e não busca contestar a base da dominação, mas uma acomodação dentro do sistema de dominação (Scott, 1985, p. 292, *apud* Menezes, 2002).

Já adolescente, Ham Mukasa aceitou ser alfabetizado em inglês o que ampliou seu conhecimento de línguas, pois como diversos membros da comunidade de Buganda ele tinha o domínio de línguas como o swahili, árabe e os idiomas bantos. Seu apuro no inglês foi importante pois tornou pajem do rei Mutesa. Ele também foi secretário do político e etnógrafo ugandense Apolo Kagwa (1864-1927) e acompanhou o rei Kati-kiro em visita oficial a reino britânico para participar da coroação de Eduardo VII em 1902. Esta experiência resultou um livro cujo relato de viagem narra as impressões rei de Uganda e as suas próprias sobre a Inglaterra do início do século XX.

O livro sobre a vida de Mukasa inicia falando de suas memórias quando era criança, depois jovem e no momento da escrita ele se situa “agora no momento de sua maturidade quando estava entrando no período do anoitecer” (p. 173). Mostrando a importância dos costumes familiares ele conta uma passagem de sua adolescência:

Quando eu era um rapaz minhas tias deram-me encantos para usar e pequenos pedaços de barro para engolir e um remédio chamado bulezi com o qual garante-se a obtenção de um cargo bom (chefia) dada pelo rei. Minhas tias asseguram-me que se eu fizesse como elas diziam, acreditasse nestes encantamentos e os respeitasse quando eu crescesse, eu também me tornaria um chefe abaixo do rei. É claro que era lago sem sentido, mas eu acreditei totalmente e durante muito tempo até que eu tornei-me cristão (p. 174, 2.º parágrafo).

No pequeno trecho ao narrar as memórias certamente o missionário que escreveu seu testemunho viu na narrativa um importante exemplo da conversão de Mukasa que reconhecia que aquele rito era algo de seu passado antes da conversão. Contudo, ao rememorar-lo observa-se a presença das crenças e tradições importantes o suficiente para serem lembradas. Mukasa afirmava ser tolice mas a história não tinha sido esquecida mesmo naquele momento agora que estava mais velho. Teria ele deixado de acre-

ditar no encantamento que suas tias haviam feito? Ele dizia que sim mas também era igualmente verdade que ele tinha se tornado um homem importante e próximo ao rei. Ser próximo do rei deu a ele um importante lugar no grupo social daquela sociedade embora a presença colonial inglesa esvaziasse cada vez mais o sistema de organização política encabeçado pelo rei. Segundo Holly Hanson (2009) na região da antiga África Oriental os reinos viviam autonomamente sob a autoridade maior de um rei que servia como uma espécie de gestor. Por exemplo, até 1830 existiam cerca de 292 chefes que tinham como rei na Kabaka (rei) Ssuna, que governou aproximadamente entre 1830 e 1858. As relações entre chefes e reis eram construídas nas relações de poder e acomodações com uma espécie de senhor no caso, os reis e seus vassalos.

A teia de relacionamento envolvia obrigações e cargos de prestígio. O próprio pai de Ham Mukasa havia sido uma espécie de chefe de uma área menor (distrito) cargo que envolvia mais formalidade e nem tanto poder. A descentralização do poder real acabava por ser também uma limitação do poder do rei. Ainda assim fazer parte da extensa rede de relações do chefe ou do rei era galgar um cargo de prestígio e Mukasa tinha conseguido este feito. Neste sentido, a narrativa sobre a escolha da profissão nos dá indícios de suas expectativas e as da família pois suas tias atuaram com conselheiras com poderes mágicos para que tivesse sucesso na vida. Fazer encantamentos e aconselhar era ações familiares mas também representavam poder naquela sociedade. Em Buganda na segunda metade do século XIX algumas mulheres e faziam parte também do grupo burocrático mas com o advento dos costumes ocidentais o poder político que as mulheres reais tinham exercido foi diminuído.

Tal mudança deveu-se pelo aumento da violência do século XIX e pelo processo de apagamento das funções femininas na estrutura burocrática do poder da memória através da educação colonial. A violência crescente do tráfico de escravos do século XIX acabou por corroer a complexa teia de relações de poder local. Paulatinamente, com o aumento da influência inglesa e o advento da condição de protetorado, as autoridades coloniais esvaziaram o poder de mediação dos reis e conselheiros na região e passaram a reconhecer apenas burocraticamente aqueles classificados nas categorias de chefes. Ham Mukasa continuou tendo prestígio por dominar a língua inglesa e vivenciou essas grandes alterações. Muito possivelmente ele tentou fazer uma adesão ao modo de vida apresentado pelos ingleses e, possivelmente era uma estratégia para sobreviver aquele momento e obter melhores condições de vida.

As condições de conversão de Mukasa são um tanto confusas. Em sua biografia o interesse despertara a partir da possibilidade de ler, condição de prestígio, porém as ordens reais falavam mais alto. Mukasa conheceu alguns que se recusaram a se converter à religião muçulmana e lembra que alguns dos que se recusaram foram executados. É preciso considerar também que a conversão implicava em um processo de negociação de ambas as partes. Muitas vezes durante os batizados e as pregações era necessário algumas assimilações com a cultura religiosa local para que os convertidos pudessem compreender a intenção dos pregadores missionários, e mesmo nas passagens que serviam como ilustração para convencimento dos novos fiéis do “caminho correto a ser seguido” na visão do europeu, era colocado muitas vezes artifícios pagãos e costumes locais para indicar o que era correto ou não após a conversão. As assimilações, adaptações ou negações do ambiente cultural pagão local eram necessárias como meio de alcançar um maior número de fiéis.

A religiosidade estava ligada diretamente a conversão do rei e com o aparecimento dos cristãos uma rivalidade de credos cresceu e trouxe conflitos como o massacre de cristãos (1886), onde Mukasa foi preso e libertado. É óbvio de que tratando de uma biografia de um convertido, a ênfase está na conversão ao cristianismo mas são muito detalhadas as narrativas que comparam os costumes nativos, de influência muçulmana e os cristãos. É preciso também considerar que esta visão era necessária pois devido ao seu domínio do inglês, ele era o mediador entre os ingleses, o rei e ainda assessor do etnógrafo Sir Apolo Kagwa¹. Assim, sua circulação entre autoridades lhe conferia credibilidade reforçada pelo sua conversão cristã.

Mas as mudanças na região tinham certo embate. A região viveu diversas lutas pelo domínio religioso que na verdade para além da religião significava poder político. Os primeiros muçulmanos chegaram à África Oriental pouco mais de um século após a fundação do Islã. Desde então, as adições sucessivas a população muçulmana foram realizadas pela migração da Arábia para Índia e África. Até o século XIX, os muçulmanos haviam penetrado praticamente vinte quilômetros para o interior da África. Os primeiros cristãos chegaram ao Leste da África em 1498. Esses portugueses católicos romanos também limitaram suas atividades na região do litoral, e apesar de alguns progressos foram feitos na propagação sua fé entre a população, não houve nada permanente. Entre os portugueses e os muçulmanos houve um interlúdio de 1200 anos e uma oportunidade inigualável para espalhar o Islã entre os povos da África Oriental. Esse monopólio muçulmano do campo religioso terminou em 1844, quando Johann Ludwig Krapf chegou a Mombasa como missionário da Anglican Church Missionary Society (CMS). Com sua chegada os adeptos do Islã passaram a se opor ao Cristianismo e a história Moderna das missões cristãs na África Oriental começou. As primeiras quatro missões foram lentas em expandir suas ações. Após um período adicional de 10 anos, em 1874, não havia mais de cinco estações missionárias em todo o território da África Oriental. Enquanto isso, comerciantes muçulmanos levavam sua religião no coração do continente. Quando Krapf chegou a Mombaça a primeira visita estava sendo feita por um comerciante árabe ao tribunal do Kabaka de Buganda, viajando através de Ruanda e Bunyoro. Em 1875 a influência muçulmana já se estendia por todo o perímetro Leste da África, e estava começando a desenvolver os pontos de crescimento estratégicos dentro da região. Os muçulmanos possuíam maior organização missionária que os recursos de missões cristãs e observando suas vantagens a África Oriental parecia que se tornaria uma província do Mundo muçulmano.

Foi em 1875 que o cristianismo começou a reagir e buscar fazer frente a este domínio. A CMS fez um assentamento perto de Mombasa para escravos libertos, e em novembro do mesmo ano, uma carta do explorador Henry Stanley apareceu no *Daily Telegraph* de Londres. Nela Stanley exortava os ingleses a despertar o interesse em uma evangelização de Buganda. É interessante perceber que até ali, a política dos primeiros missionários era de evitar o confronto com Islã.

¹ Apolo era um aprendiz Kagwa administrativa no palácio real de Buganda quando os primeiros missionários cristãos chegaram à década de 1870. Esses aprendizes palácio, referidos como páginas por historiadores europeus da época, eram jovens brilhantes de todo o reino enviado para o palácio para treinar a próxima geração de líderes. Ele foi um dos primeiros convertidos para o protestante a fé, e quase se tornou um dos mártires do Uganda, quando o rei Mwangi II se desentendeu com os cristãos, alguns anos depois. Ele teria sido poupado de execução porque ele já tinha se mostrado excepcionalmente capaz como assistente do Tesouro.

Diversas lutas, a primeira em 1885-87 uma guerra civil religiosa envolvendo protestantes, católicos e muçulmanos pelo controle da região aconteceu posteriormente e, de fato o interesse pela região fora despertado. Em 1897 aconteceu um entre os britânicos e o rei Mwanga pela independência da região o que indicava que a questão da fé era em verdade uma questão de domínio político. A partir de 1897, a condição de submissão à Coroa Inglesa foi claramente definida e a condição de protetorado deixou de ser figurativa. Assim, as formas de associação religiosa que antecederam o reinado na região da África Oriental que combinavam a composição de o poder diferentes grupos como clãs que havia chegado com o rei com Kintu, rei mítico Buganda ia rapidamente desaparecer dos olhos ingleses. Clãs como clã leopardo, o clã bushbuck, e o gafanhoto, o clã leopardo, o clã macaco, o clã de búfalo, e o clã gafanhoto datados de 500 D. C. foram sendo absorvidos pelas religiões estrangeiras.

Para Mukasa que foi alto funcionário do rei de Buganda o impacto tenha sido menor, mas a partir de 1900 foi criada a propriedade fundiária que alterou drasticamente a situação da população na região. Embora a terra fosse do rei, os clãs tinham a terra em troca das relações de vassalagem, a mudança levou a uma retirada da autonomia de produção e deterioração nas condições de vida de pequenos agricultores para simples camponeses que passaram a trabalhar nas plantações voltadas a exportação e sem a autonomia anterior. Os estudos pós-coloniais tem enfatizado um maior aprofundamento nos estudos sobre a passagem dos sistemas africanos e os planos desenhados pelo Katikiro e a influencia de Apolo Kaggwa, chefe de Mukasa que era auxiliado pelo mais inteligente dos homens antigos que conheciam o local, e que vivera tanto na Royal Enclosure como na Capital e Buganda durante a vida do Rei do Suna.

Tal revisão se faz necessário porque hoje pesquisas apontam que o rei e seus assessores não parecem ter sido meros asseclas da Coroa britânica e tentaram defender alterar em 1893 chefes católicos e muçulmanos que se recusaram a levar seu povo a fazer trabalho obrigatório para o rei na capital. Eles inclusive exigiram uma maior parcela de terra da capital.

O estudo das memórias de africanos no período pré-colonial como a vida de Mukasa traz a possibilidade de reflexão sobre o a interpretação do processo de expansão imperial e o lugar atribuído aos povos nativos na empresa colonial. A história colonial sempre enfatizou o crescimento do império e os benefícios da civilização sobre os nativos africanos a ela submetidos. Junto com o processo de descolonização iniciado após a 2.ª Guerra Mundial, diversos ativistas e intelectuais passaram a defender uma história africana escrita por eles próprios. Não se tratava apenas de mais uma nova interpretação mas também de buscar um contraponto à lógica ocidental. Tal exercício envolveu um vigoroso grupo no qual se incluía Aimé Césaire, Camara Laye, Cheikh Hamidou Kane, Léopold Sédar Senghor, Ousmane Socé Diop e Cheikh Anta Diop entre outros. Diop de origem senegalesa e de formação filosófica foi um dos mais enfáticos historiadores que questionou a noção de desenvolvimento estritamente europeia afirmando a história africana na genealogia da história humana e situando na África a mãe das civilizações.

A colonização da África, e a expansão do mundo ex-colonial e dos interesses europeus coloniais foi acompanhada pela proliferação de um processo de cristianização e produção de memórias. Um das contribuições importantes no processo de colonização foi a ação missionária. A partir dela se introduziram igrejas ocidentais, escolas, e ideias

para as populações africanas entre os quais trabalhavam. Entre as quais a difusão de histórias de conversão religiosa. A conversão ao cristianismo por africanos levava inevitavelmente a complicações com a identidade cultural e os alinhamentos políticos. Assim, por mais bem intencionada que fosse a conversão religiosa ela sempre gerava complicações sem precedentes na sociedade tradicional. Contudo, este conhecimento pode ser ambivalente e pode posteriormente ajudar as organizações, os missionários e os convertidos a refletir sobre as consequências decorrentes do imperialismo cultural e conversão religiosa.

Ao lermos as memórias de Mukasa e de outros africanos convertidos podemos buscar nas entrelinhas uma olhar crítico ao processo que vivenciaram. Apontando as questões de hibridismo e identidade diaspórica. Se a África foi vista como lugar de desafio missionário e diversas ordens religiosas responderam ao apelo de levar a palavra cristã, ela também fundamentou a crítica ao tráfico atlântico e mesmo sua abolição em 1807 por parte da Inglaterra. Além do mais, a conversão também se imbuía de um papel significativo na propagação do cristianismo e da denúncia das injustiças e paradoxos que existiam em África.

Mukasa fala de sua admiração pela beleza dos edifícios e jardins vitorianos mas também satiriza as condições de vida dos nobres e pessoas comuns na Inglaterra. Como outros africanos teve que criar seu mundo híbrido. Por vezes, acreditava na inferioridade cultural das tribos indígenas e da superioridade moral do cristianismo mas observa que os valores éticos e sua falta estavam presentes nas duas sociedades. Para Gikandi no reino de Buganda (hoje a nação de Uganda), a elite do reino entre os quais Mukas, adota o cristianismo como um elemento chave no desenvolvimento de uma certa modernidade, considerada como uma forma de participar da cultura colonial. Ele observa que no relato da viagem de Ham Mukasa (Katikiro Uganda, na Inglaterra, p. 21) são encontradas nos escritos etnográficos e religiosos de David Boilat ou seja, usava-se a visão da cultura colonial para “desenvolver”, no sentido fotográficas indígenas valores morais e crenças religiosas.

Desse modo, é possível pensar em uma reapropriação da cultura colonial incluindo o Cristianismo para a formulação de uma leitura própria. É óbvio que a expressão destas concepções que exprime a leitura de modernidade dos africanos aos signos da cultura europeia acontece especialmente após a Primeira Guerra Mundial quando as restrições impostas pelas autoridades coloniais levou para a política de retribalização e dos “portadores da modernidade.” Segundo Jean e John Comaroff a produção permanente de uma modernidade é uma constante fonte de tensões entre, por um lado, a adoção dos elementos materiais da cultura colonial (vestuário, estilos arquitetônicos, saneamento) e, por outro lado, as suas consequências que são a própria crítica deste modo operandi.

Considerações finais

Durante muito tempo as impressões de viajantes ou narrativas foram consideradas apenas ficção e estigmatizadas, mas uma nova historiografia tem redimensionado o estudo destas representações. As rupturas e continuidades pelas quais passou e da sociedade na qual se inseriu continuam cada vez mais a nos indagar sobre as impres-

sões claras e subliminares. Através dos escritos de Mukasa é possível compreender a dinâmica missionária entre os missionários e os habitantes locais e os processos de conversões ao cristianismo e ao islamismo.

Se por um lado, a história de Ham Mukasa foi usada para ilustrar o processo de conversão e a eficácia dos anglicanos na região, ela também pode ser interpretada em novas nuances que apontam processos de resistência e acomodação devido ao tratamento dados às memórias de Mukasa e filtros criados pelo autor. Afinal, o trabalho dos missionários religiosos reuniu a estratégia de propaganda do trabalho missionário inglês e indiretamente os interesses de ampliação de áreas de domínio inglês em África. Afinal, a partir do processo de mudança de fé a adoção ao modo de vida ocidental também se contribuía para o apagamento da cultura autóctone a partir do evangelismo cristão. Por outro lado, este processo nunca foi total e o que poderia parecer uma completa assimilação, anos depois, teve um efeito reverso, uma vez novas interpretações do cristianismo por parte dos convertidos africanos foram usados no processo de luta para a descolonização.

Referências bibliográficas

- Ajayi, J. F. A. (1969–1975), “Colonialism: An Episode in African History.” In *Colonialism in Africa*, edited by L. H. Gann and Peter Duignan. 5 vols. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press.
- Alcântara, Priscila S. M. (2012), *O missionário e intelectual da Educação Robert Reid kalley, (1855–1876)*. Aracaju: Universidade Tiradentes. Dissertação (Mestrado em Educação).
- Appadurai, Arjun (1996), *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Bleckmann, Laura E. (2009), From Remembering to Re-membering and Resistance: A performative memory practice of the Herero of Kaokoland. In *Séminaire doctoral européen en anthropologie des dynamiques sociales et du développement ULB – 16-18 april*. In https://lirias.kuleuven.be/bitstream/123456789/301033/1/Laura_Bleckmann.pdf.
- Camara, Laye (1969), *The Dark Child*. New York: Farrar, Straus, and Giroux.
- Chakrabarty, Dipesh (2002), *Habitations of Modernity. Essays in the Wake of Subaltern Studies*. Chicago: University of Chicago Press.
- Chatterjee, Partha (1997), *Our Modernity*. Dakar: Codesria.
- Comaroff, Jean & John (1991), *Of revelation and revolution: Christianity, colonialism, and consciousness in South Africa*, Volume One. Chicago and London: University of Chicago Press.
- _____ (2010), “Etnografia e Imaginação Histórica”, *PROA – Revista de Antropologia e Arte*, vol. 1, n.º 2, (on line).
- Diop, Cheikh Anta (1955), *Nations nègres et culture: De l’antiquité nègre égyptienne aux problèmes culturels de l’Afrique noire d’aujourd’hui*. Paris: Présence Africaine.

- Dulley, Iracema (2010), *Deus é Feiticeiro: práticas e disputas nas missões católicas em Angola colonial*. São Paulo: Annablume.
- Ferguson, James (1999), *Expectations of Modernity: Myths and Meanings of Urban Life on The Zambian Copperbelt*. Berkeley: University of California Press.
- Gikandi, Simon (1996), *Maps of Englishness: Writing Identity in the Culture of Colonialism*. New York: Columbia University Press.
- Ginzburg, Carlo (1991), [original: 1989], “O inquisidor como antropólogo”. In *A Micro História e outros ensaios*. Lisboa: DIFEL.
- Hanson, Holly (2009), Mapping conflict: heterarchy and accountability in the ancient capital of Buganda. *Journal of African History*, 50, pp. 179–202. Cambridge University Press.
- Kane, Cheikh H. (1972), *Ambiguous Adventure*. London: Heinemann.
- Levi, Giovanni (1992), “Sobre a Micro-História” in BURKE, Peter (org.) *A Escrita da História – novas perspectivas*. São Paulo: Unesp.
- Mullins, J. D. (1904), *The wonderful story of Uganda to which added The story of Ham Mukasa, told himself*. London: Church Missionary Society.
- Menezes, Marilda A. (2002), O cotidiano camponês e a sua importância enquanto resistência à dominação: uma contribuição de James C. Scott. *Raízes*, Campina Grande, vol. 21, n.º 1, pp. 32-44, jan./jun.
- Mukasa, Ham (1998), *Uganda’s Katikiro in England*. With notes and an introduction by Simon Gikandi. Manchester, U.K.: Manchester University Press.
- Santos, Patrícia Teixeira (2002), *Dom Comboni: profeta da África e santo no Brasil*. Rio de Janeiro. Mauad.
- Rowe, John Y. (1989), Eyewitness Accounts of Buganda History: The memoirs of Ham Mukasa and his generation. *Ethnohistory and Africa*, vol. 36, n.º 1, published by: Duke University Press. Article Stable, URL: <http://www.jstor.org/satable/482741>, pp. 61-71.
- Scott, James (1985), *Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance*. New Haven and London: Yale University Press.
- _____ (1991), *Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts*. New Haven and London: Yale University Press.
- Silva, Jefferson O. (2012), *O expansionismo católico na Bembaândia, 1891-1937: as práticas religiosas dos missionários da África desenvolvidas no Vicariato Apostólico do Niassa*. Marília: UNESP, tese de doutorado.
- Twaddle, M. (1972), *The Muslim Revolution in Buganda*. African Affairs.
- Usoigwe, Godfrey (2010), *História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen*. – 2.ª ed. rev. – Brasília: UNESCO.